

www4.fsnet.com.br/revista

Revista FSA, Teresina, v. 11, n. 3, art. 14, p. 323-339, jul./set. 2014

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.3.14>

A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO EM AUTO DA COMPADECIDA, DE ARIANO SUASSUNA

THE IDENTITY REPRESENTATION OF THE SUBJECT IN AUTO DA COMPADECIDA, OF ARIANO SUASSUNA

Raimunda Maria dos Santos

Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Liter/ Faculdade de Teologia Hokemah

E-mail: professorarai@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Érica Fontes Rodrigues Fontes*

Doutora em Romance Languages/ University of North Carolina at Chapel Hill

Professora da Universidade Federal do Piauí

E-mail: ericarodriguesfontes@gmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Érica Fontes Rodrigues Fontes

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Letras. Campus
Universitário Petrônio Portela – Ininga, Teresina, PI – Brasil, CEP: 64049-550.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 27/05/2014. Última versão recebida em 12/06/2014. Aprovado em 13/06/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O Nordeste do Brasil tem sido *loco* de estudos acerca da identidade de sujeitos tidos como diferentes. Este artigo tem o objetivo de investigar a representação de sujeito nordestino em *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, através da análise dos personagens João Grilo e Chicó. Para tanto, adota-se o método descritivo bibliográfico na análise desses personagens e no embasamento teórico, em que Stuart Hall (2003), Muniz Sodré (1999) e Benedict Anderson (2008) contribuem, ao discutirem sobre conceitos de identidade nacional e Albuquerque Jr. (2006), Auristela Andrade (2000), dentre outros, ao abordarem a questão do estereótipo do sujeito nordestino. Indagamos se os sujeitos representados em *Auto da compadecida* podem ser considerados simplesmente nordestinos ou brasileiros nordestinos. Os resultados indicam que os personagens representam não só o nordestino, mas o próprio brasileiro.

Palavras-chave: Literatura. Representação. Identidade. Estereótipo.

ABSTRACT

The Northeast of Brazil has been the *locus* of studies about the identity of subjects taken as different. This article aims to investigate the representation of the northeastern subject in the Ariano Suassuna's *The Self of Pitying*, through the analyses of the characters João Grilo and Chicó. For this, we adopt the bibliographic descriptive method in the analysis of these characters; and the theoretical foundation, in which Stuart Hall (2003), Muniz Sodré (1999), Benedict Anderson (2008) contribute to discuss about concepts of national identity; and Albuquerque Jr. (2006), Auristela Andrade (2000) among others to address the stereotypical issue in the northeastern subject. We ask if the subjects represented in the *The Self of Pitying* may be considered simply northeastern or Brazilian northeastern. The results indicate that the characters represent not only the northeastern Brazilian subject, but the Brazilian subject himself.

Keywords: Literature. Representation. Identity. Stereotype.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, propõe-se uma reflexão sobre a questão da identidade do sujeito, tomando como ponto de partida o seu lugar de origem, sobretudo, sua formação cultural. Assim, concebe-se o sujeito como pessoa e cidadão. No campo discursivo, é comum deparar-se com conceitos de identidade que, de certo modo, definem um ser de forma pronta, acabada. Isso é o que se toma como motivo para uma tentativa de responder à questão relacionada à caracterização do sujeito nordestino de forma estereotipada, como se esse fosse desenraizado do resto do Brasil.

Inicialmente, é importante destacar que a peça teatral *Auto da Compadecida*, de Ariano Vilar Suassuna, precisa ser lembrada como obra literária, que se constitui monumento histórico que valoriza a memória e o imaginário nordestino. O escritor dá a vez a um gênero literário tido por alguns críticos e por muito tempo como gênero menor – os cordéis. Deve ser lembrada ainda, como gênero dramático cheio de peripécias espalhafatosas realizadas pelo herói ou anti-herói nordestino com sua malandragem, ou seja, seu jeitinho brasileiro¹, que em parceria com outro nordestino acha sempre uma solução. E, mesmo não sendo uma saída das mais heroicas para os problemas, embaça a ordem pré-estabelecida das coisas. Trata-se de um teatro popular satírico e cômico sem, contudo, fugir aos moldes do teatro vicentino, preservando, inclusive, o tema religioso sacramental.

A peça serve, nessa pesquisa, como motivo para um estudo sobre a construção da identidade nacional com o propósito de fazer uma investigação sobre a representação do sujeito nordestino. Para isso, utilizamo-nos das teorias de Stuart Hall (2003), Muniz Sodré (1999) e outros críticos que suscitam uma reflexão sobre conceitos de identidade. Além de teóricos que, como Albuquerque Jr. (2006) e Auristela Andrade (2000), abordam a questão do estereótipo do sujeito nordestino.

Diante disso, o objetivo é investigar a representação do sujeito nordestino, através da análise dos personagens João Grilo e Chicó em *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, contextualizando a peça no plano histórico-social, ensaiando o conceito de

¹ "Jeitinho brasileiro", conforme Roberto da Matta (1984, p. 104), “[...] trata-se, mesmo de um modo – jeito ou estilo – profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres”.

identidade do sujeito e analisando os aspectos da identidade nordestina impressos nesses personagens caricaturais da peça teatral.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL: A QUESTÃO IDENTITÁRIA

O contexto histórico-social da obra é de um território brasileiro explorado com todas as implicações do colonialismo; reafirmação da burguesia com seus súditos, que evidentemente, são (nordestinos) pobres, escravizados, tratados de forma desumana, tendo que se curvarem aos seus senhores (colonizadores ou poderosos), que mandam e desmandam. A cidade de Taperoá, no sertão paraibano, é escolhida pelo autor como cenário de todo o drama. Trata-se de uma comédia trágica tanto pelas inspirações em Shakespeare, como pela tentativa de se aproximar do real sem deixar de lado o mágico, o imaginário de um povo tipicamente brasileiro.

A miscigenação nordestina confere a esse povo o retrato do Brasil. O povo da região nordeste brasileira é oriundo da mistura entre o povo nativo – o índio com descendentes do povo africano escravizado, o colono português, os invasores estrangeiros e imigrantes diversos. Portanto, torna-se inconstante definir um perfil de sujeito, tão somente, nordestino, já que é resultado de uma multiculturalidade. É isso que se pode registrar na cor da pele, nos hábitos e costumes, no estilo de vida, nos sonhos, na religiosidade, na vontade de viver, no poder de superação, na luta, na linguagem dos personagens da peça *Auto da Compadecida*. Por esse ângulo, o que distingue a população brasileira são, muito mais, os aspectos geográficos do que histórico-culturais e sociais, considerando a questão climática que, de um polo a outro do país, mostra-se bastante variada, considerando também o processo de colonização ocorrido no Brasil.

Reservando-se a uma reflexão breve sobre o contexto histórico-social do momento de produção da obra, é oportuno lembrar que a população da região nordeste do Brasil, na década de 70, conviveu com uma relação de dominância; há os senhores descendentes de famílias de posses e o caboclo² sujeito pobre, que sobrevive à custa do próprio suor e trabalho indigno para os donos de fazendas, de minas ou comerciantes. Na verdade, trata-se de uma organização social com resquícios da Idade Média, reforçado por um discurso colonial que, segundo Homi Bhabha (1998, p. 111), apresenta “o colonizado como população de tipos

² Caboclo - no dicionário de Rute Rocha (2003) esse termo significa indígena brasileiro de cor acobreada, mestiço de branco com índio. Esse conceito coincide com a figura do caboclo representado pelo personagem João Grilo na peça *Auto da Compadecida*.

degenerados” na tentativa de justificar suas conquistas e defender o poder de dar instruções e administrar.

Porém, esse sujeito açoitado, esquecido, sufoca a dor da miséria e suporta a degradante que vive. É um tipo bem comum no Brasil, incluindo o sertão nordestino, esse nordestino, representado pelo malandro João Grilo e o contador de mentiras Chicó na peça o *Auto da Compadecida*. Nessa região, esse tipo de sujeito é tão comum como a figura do cangaceiro, major dono de minas, comerciante e os representantes de instituições públicas e religiosas. João Grilo, Chicó e o cangaceiro são cravados pela revolta e a injustiça. Os demais, de alguma forma, são envolvidos com a suscitação dessa revolta ou com alguma forma de autoritarismo.

O momento é de modernismo e lutas de classes, mas a sociedade, perceptivelmente, divide-se entre essas classes, onde há uma relação de dominância no ambiente sertanejo. Para Sérgio Buarque de Holanda (2009, p. 43), tal situação se fortalece, à medida que essa região é tratada “com desleixo e certo abandono”, resultando no conformismo, apesar de esse sertanejo já refletir sobre suas condições de vida e reclamar, ao seu modo, os seus direitos como cidadão e pessoa, reivindicando mudança. Na peça teatral, Suassuna compõe personagens que representam não só esses desleixos sociais, mas também a luta para escancarar essa realidade brasileira.

A peça é escrita na década em que eclode o fenômeno da teatralização por todo o país, propiciado pela expansão universitária e das escolas públicas. Esse acontecimento foi importante para que a literatura mantivesse o seu fôlego no seu papel de perenizar a história, a cultura de um povo em forma de arte. Cada escritor a seu modo. Como observa Sábato Magaldi (1997, p. 255), aos dramaturgos, naquele momento, coube responder “ao imperialismo vocacional ou a uma sugestão de mestres estrangeiros e do próprio desenvolvimento interno”, tornando o teatro diversificado. Com essa liberdade de escolha na produção teatral, os autores tendem a escrever sobre a realidade nacional, retratando aspectos peculiares a cada região e isso é perceptível na peça em estudo, por abordar temas de interesse nordestino e brasileiro.

Para Magaldi (1997, p. 280-281), a absorção do teatro pelas universidades e a expansão das escolas contribuíram para a valorização da cultura local. O teatro deixa de ser somente prerrogativa da classe alta e chega às classes mais populares. Como defende Magaldi, em *Auto da Compadecida* a linguagem literária vai do erudito ao popular, do regional ao universal. Suassuna alia o espontâneo a uma forma mais elaborada, fundindo o popular e o erudito, que são duas formas de linguagem bem distintas e pouco

comuns entre os escritores. Essa aliança realizada por Suassuna põe à mostra a realidade nordestina e, por conseguinte, os aspectos identitários do sujeito.

Com relação aos aspectos da identidade do sujeito na peça *Auto da Compadecida*, é necessário refletir, ainda, sobre a problemática do que vem a ser identidade de um sujeito. Para isso, é importante considerar a questão do vínculo do sujeito com o lugar onde vive, sua origem, sua etnia, sua cultura, enfim, sua história. Assim, focando em elementos regionalistas, em aspectos literários que enfatizam a expressão da cultura popular na obra, observados na composição dos personagens, busca-se um entendimento mais seguro a respeito da identidade ou identificação do sujeito nordestino que, na concepção de Stuart Hall, deve ser assim concebido pela complexidade da definição de sujeito.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2003, p. 39).

O pensamento de Stuart Hall converge para a ideia de que o sujeito, por ser dinâmico e mutável, não pode simplesmente ser visto de forma isolada, desvinculada de um grupo social que, por sua vez, também tem sua dinamicidade. Para ele, o que está no entorno do sujeito influencia seu imaginário e reflete no perfil identitário. Além do mais, trata-se de uma formação processual que passa pelo processo civilizatório e pelo desenvolvimento tecnológico de uma nação. Para Hall, o sujeito não tem sua identidade completada, quando ele aponta a falta de inteireza, fazendo com que esse sujeito esteja, constantemente, abdicando e absorvendo outras realidades. Esse sujeito não constroi, sozinho, a sua identidade, já que divide espaço com outros sujeitos, compartilhando diversas culturas, especialmente quando uma comunidade é híbrida, como no caso da região nordeste do Brasil. E, nesse sentido, vale ressaltar, também, o pensamento de Benedict Anderson sobre o fenômeno da modernidade e o surgimento de narrativas de identidade nacional.

O que ocorre com as pessoas modernas ocorre também com as nações. A consciência de estarem inseridas no tempo secular e serial, com todas as suas implicações de continuidade e, todavia, de “esquecer” a vivência dessa continuidade – fruto das rupturas do final do século XVIII -, gera a necessidade de uma narrativa “de identidade” (ANDERSON, 2008, p. 279).

É evidente que, se as identidades são construídas no convívio por meio de um processo dinâmico, como afirma Hall, e se as pessoas fazem a nação, a narrativa de identidade está

sujeita ao estereótipo. Entendendo a civilização de um povo como resultado da relação do sujeito com o meio, essa narrativa pode não dar conta de caracterizá-lo e desviar para a imagem de um tipo caricatural de sujeito e, conseqüentemente, de nação. Questão que tem preocupado estudiosos regionalistas.

Baseando-se na concepção de regiões brasileiras defendidas como conjunto formador de uma nação, passa-se a fundamentar a ideia de que ser nordestino é ser brasileiro, sem que um sujeito dessa região possa sofrer qualquer tipo de discriminação ou estranheza, polêmica que permeia, dentre outros campos, o da crítica literária. Em *Auto da Compadecida*, Suassuna representa o nordestino da forma como tem sido tratado no âmbito nacional, “o amarelo” João Grilo (Grifo nosso).

Para Décio Prado (2001, p. 98), a literatura representa os grupos humanos, através de personagens tipo, que traduzem o grupo profissional e social pré-dominante. Segundo Nelson Tomaz (2000, p. 194), antes de um povo pertencer a um grupo, esse o domina por sua “capacidade de criar e recriar”. Assim, essa pré-dominância relaciona-se à complexidade de definição de uma determinada cultura como sendo a ideal e a real desses grupos, pois, com o advento da modernidade, a cultura, numa sociedade, não pode ser definida como cultura erudita ou popular, mas como cultura que não se contenta com homogeneidade ou imutabilidade, considerando que o grupo profissional ou social não é alijado da sociedade moderna. Portanto, é com essa concepção que surge uma narrativa de identidade conflituosa, levando ao entendimento de que existem diversos brasis ao invés de uma só nação brasileira com suas diversidades. Nesse caso Hall sugere o termo identificação e não identidade do sujeito, numa perspectiva de afastar-se da forma pronta e acabada e, em consequência disso, afastar o estranhamento desse sujeito dentro de sua própria nação.

Conforme Robson dos Santos (2011, p.7), “os valores e tradições locais compõem a fundamentação da nação, que encontra neles seus principais sustentáculos. As influências emergem de regiões e culturas variadas (portuguesa, holandesa, africana, indígena, oriental, etc.)”. Santos reconhece que o Nordeste, pelo híbrido povo que o compõe, beneficia toda a nação brasileira com o seu legado cultural, contribuindo para a valorização nacional. Dessa forma, não cabe o exagero nas imagens de cunho, muitas vezes, pejorativo que são criadas sobre o povo nordestino, tampouco a estranheza como esse povo tem sido tratado, durante muito tempo, pela crítica de discurso regionalista separativista. As regiões do Brasil, ao contrário, interagem entre si e se completam, formando um todo brasileiro, isto é, um todo formado pelas diversidades culturais e econômicas.

Sobre a questão do estereótipo, torna-se importante considerar que o estranhamento do sujeito nordestino, oriundo de relações sociais conturbadas no processo colonial e republicano, extrapola as questões linguísticas, chegando à aparência física, às vestes, à culinária. Porém é na questão discursiva que o estereótipo se escancara.

Durval Muniz Albuquerque Jr. (2006, p. 20) afirma que “o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo; é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica”. Para ele, “uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras” estigmatiza o sujeito nordestino, traçando um perfil incontestável, conferindo a esse e à região onde vive características únicas e imutáveis. A esse tipo de discurso, Sodré (1999, p. 34) atribui a origem do estereótipo, o que seria para ele a “identidade como referência a estabilidade de representações, possibilitada pela ordem simbólica da linguagem e unidade do sujeito em si mesmo”. O fato é que, sendo o discurso uma prática social, esse encontra terra fértil para o estabelecimento do estereótipo, pois é nessa prática discursiva que se criam formas de conhecimentos, se estabelecem relações sociais e identidades. Segundo Joan Ferrés (1998, p. 141), o estereótipo tem suas bases em uma “ameaça para a própria identidade, para as crenças, para as seguranças”. Trata-se de uma estratégia de estagnar o sujeito de tal modo a não haver questionamentos sobre a sua posição de subalterno.

Conforme Albuquerque Jr. (2007, p. 162), “O tipo nordestino vai se definindo como um tipo tradicional, voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo”. Por esta razão, é visto como sujeito atrasado, sem perspectivas, sem cultura, no sentido de pouca escolaridade e, com a modernidade, há uma tendência à rejeição daquilo que é superficial ou que não representa o novo. É como se a história da humanidade precisasse ser dizimada, dando lugar a um homem à frente do seu tempo para que esse seja aceito em regiões do Brasil que não seja a nordestina. Mas é importante lembrar-se da incompletude do sujeito, quando perde parte de sua própria história. Albuquerque Jr. ressalta também que,

a imagem e o texto do Nordeste passam a ser elaborados a partir de uma estratégia que visava denunciar a miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorridos neste espaço (ALBUQUERQUE JR. 2006, p. 184).

Outra preocupação acerca do estereótipo do sujeito nordestino ressaltada por Albuquerque Jr diz respeito à imagem de sujeito incapaz e miserável pré-destinado a continuar sob o domínio do poder econômico e político. Ele justifica que a tentativa de

denunciar a situação de abandono e revolta, através de imagem e texto da região Nordeste do Brasil, ocasionou a formulação imagética e discursiva de um tipo fadado ao fracasso e à miséria. Isso acontece, porque o discurso é prática social que permeia todas as camadas da sociedade passivo de interpretações, conforme interesse da classe dominante.

Para Homi Bhabha (1998,) o estereótipo³ é uma forma de camuflar a realidade, porque é uma forma falsa de representação identitária do sujeito. Para ele, é o discurso do colonizador, que tem o intuito de fazer do outro um sujeito inferior a fim de afirmar o poder diante do colonizado. Segundo Lynn M. T. M. de Souza (2004), Bhabha entende que o estereótipo surge de uma falta de autoridade ou de plenitude do colonizador, por isso, ele explica o estereótipo discriminatório como estratégia do colonizador a partir do conceito de fetiche apresentado por Freud⁴. Conforme Souza, esse

[...] fetiche representa o jogo simultâneo e híbrido entre uma afirmação da plenitude e a ansiedade gerada pela sua falta, pela ausência: com relação ao discurso colonial, Bhabha substitui os exemplos de Freud “todos os homens têm pênis” e “alguns não têm” por exemplos correspondentes do discurso colonial: “todos os homens têm raça/cultura/humanidade” e “alguns não têm raça/cultura/humanidade”. (SOUZA, 2004, p. 12).

Em *Auto da Compadecida*, o homem que não tem raça/cultura/humanidade é representado por João Grilo, sujeito fetichizado ou estereotipado. Suassuna (1990, p. 79) “Padre: É mesmo, é bondade minha, porque você não passa de um amarelo muito safado”. Ele é explorado e ainda tratado como inferior, tanto pela igreja, instituição de natureza humanizadora, quanto por seus patrões, que representam o colonizador sempre dispostos a reafirmarem o autoritarismo.

A antropóloga Maristela Andrade (2000) aborda a questão do estereótipo do sujeito nordestino, defendendo a ideia de que este se trata de uma consequência da problemática do regionalismo no Brasil. Para ela,

As relações interregionais e interétnica no Brasil não expressam conflitos importantes ou preocupantes no sentido de poder ocasionar ruptura internas a curto ou a médio prazo. Entretanto é possível detectar um certo grau de tensão crescente nessas relações, que apontam para o desencadeamento de intolerância entre grupos regionais distintos, que elaboram uma visão negativa entre si. É o nordestino, porém, o principal alvo de estigmas, e, portanto, de uma avaliação depreciativa que se reproduz não apenas nas falas do cidadão anônimo, mas também nos órgãos de imprensa e em pesquisas supostamente científicas, com o propósito de reafirmar a

³ “... modo de representação complexo, ambivalente e contraditório” (Bhabha, 1998, p. 110).

⁴ Sobre a questão da plenitude do sujeito, Souza (2004, p. 12), explica que “Freud representa como a falta do falo materno, quando a criança se percebe como ente separado e diferente da mãe leva ao surgimento de uma fixação sobre um objeto – o fetiche – a fim de substituir e compensar pela falta percebida da plenitude”.

condição de região mais pobre no contexto nacional (ANDRADE, 2000, p. 203).

Esse tipo de reprodução de falas de que se refere Andrade, encaminha-se para a reafirmação do termo nordestino enquanto estereótipo que, historicamente, tem sido associado a expressões como miséria, pobreza, fome, solidão, sobrevivente da seca e do clima quente, pele bronzeada, povo sofrido, povo sem cultura⁵, pessoas de baixa estatura e de sotaque estranho⁶ abandonado, mesmo assim, com espírito de sobrevivência e muita fé. Em seu sentido mais usual, o estereótipo é de todo ruim, pois traça uma forma caricatural do sujeito antissocial, anti-humano, impotente diante de sua própria realidade.

3 ASPECTOS IDENTITÁRIOS DO SUJEITO NORDESTINO EM *AUTO DA COMPADECIDA*

Os estereótipos são padronizados, normalmente, por aqueles que pretendem justificar ou normatizar seu comportamento ou ação, tornando suas vítimas culpadas pelo seu fracasso ou ainda pior, sujeitos alienados. Na peça, Suassuna representa o nordestino através dos personagens caricaturais João Grilo e Chicó escolhidos, pelo próprio autor, para dar vida a dois conterrâneos da região paraibana, preservando, inclusive, os seus apelidos, com a intenção de aproximar os fatos ocorridos na obra ao máximo da realidade. Porém, cabe refletir se esses sujeitos têm essa representação tão somente por ser nordestino.

Os discursos criados com relação ao nordeste do Brasil fazem com que essa região seja uma invenção, na concepção de Albuquerque Jr. (2006, p. 24), “[...] pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior”. Tem-se, assim, também, construções mentais dos padrões de sujeitos sertanejos. Isso se torna contraditório, levando em conta que esses sujeitos têm almas, sentimentos, sonhos e capacidades de autodesenvolvimento, como pessoa ou cidadão.

A miséria, a pobreza e a fome são presentes na vida do nordestino, mas se trata de um problema social encontrado em todo o mundo, que precisa ser cuidado pelo poder público, e não de uma característica inerente à região. Porém, Albuquerque Jr. (2006, p. 23) defende que

⁵ O termo “sem cultura”, na concepção de Moroni e Elza Aparecida Filha (p. 33-34), Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moroni-alyohha-oliveira-elza-estereotipos-no-telejornalismo.pdf>> Acesso em: 10 de ago. de 2013, referindo-se ao sujeito nordestino está relacionado à “falta de cultura no sentido de educação, aprendizagem”.

⁶ Esse “sotaque estranho” é do ponto de vista dos sujeitos de outras regiões brasileiras, especialmente da região Sul e Sudeste do Brasil, segundo Moroni e Elza Aparecida Filha (2006, p. 32-34).

tal caracterização pode ser fixada pelas diversas formas discursivas, seja o cinema, o teatro, a televisão ou as produções acadêmicas. Para ele, os discursos pressupõem, produzem e legitimam um espaço. A questão é que tal problemática acumula nessa região um segundo problema – a estereotipação do sujeito, desencadeado tanto pela situação calamitosa, quanto por conflitos regionais de ordem histórico-culturais e administrativos. *Auto da Compadecida*, revela essa questão, por meio dos personagens João Grilo e Chicó, marcados por esse sofrimento, como se percebe na fala de João Grilo, “- Isso é coisa de seca. Acaba nisso, essa fome: ninguém pode ter menino e haja cavalo no mundo” (SUASSUNA, 1990, p. 38). A peça provoca uma reflexão sobre a problemática da pobreza na região, apresentando a imagem do nordestino do jeito que ele é e como ele age diante das dificuldades.

João Grilo:

- E difícil quer dizer sem jeito? Sem jeito! Sem jeito por quê? Vocês são uns pamonhas, quaisquer coisinhas estão arriando. Não vê que tiveram tudo na terra? Se tivesse tido que aguentar o rojão de João Grilo, passando fome e comendo macambira na seca, garanto que tinham mais coragem. Quer ver eu dar um jeito nisso? (SUASSUNA, 1990, p.167).

É importante lembrar que o sofrimento causa a mesma dor nas pessoas, em qualquer lugar do mundo e certamente desperta no sujeito o seu espírito de sobrevivência, de astúcia, que se manifesta conforme sua história, cultura e religiosidade. É o que ocorre com o sertanejo que, com o seu “jeitinho brasileiro”, encontra uma saída para as situações mais embaraçosas. Assim como João Grilo, Chicó também encontra um jeito de driblar as dificuldades. Chicó não usa artimanhas, mas usa sua imaginação para fugir de sua dura realidade. Suassuna, na concepção de Albuquerque Jr (2006, p. 85), representa um sujeito refugiado de sua própria história num “reino dos mistérios, onde o maravilhoso se mistura à mais cruel realidade e lhe dá sentido”. Chicó se transforma em um exímio contador de histórias fantásticas, fantasiosas, mentirosas para camuflar sua vida difícil.

Manuel:

- Eu o conheço estou até de olho nele por causa das histórias que vive contanto.

João Grilo:

- Aquilo é o sol. Não vá ligar isso não. O sol do sertão é quente e Chicó começa a ver demais. É o sol (SUASSUNA, 1990, p. 157).

Na citação acima, percebe-se que João Grilo reage em defesa de Chicó, mostrando seu sentimento de coleguismo. Grilo justifica o comportamento do amigo com o argumento de que o sol do nordeste o castiga. Conforme Albuquerque Jr. (2006, p. 122), “Nordeste onde qualquer quadro é marcado pela presença do sol”. O crítico ainda defende que Suassuna,

representa um nordeste a mercê do destino, onde os nordestinos “são perseguidos pela seca, pela miséria e pela injustiça, mas que conseguem manter seu orgulho de sertanejo” (p.168). Nesse sentido, João Grilo representa o nordestino que não se contenta com a solidão ou abandono, buscando uma saída, ainda que de forma aventureira.

Palhaço:

- Auto da Compadecida! Uma história altamente moral e um apelo à misericórdia.

João Grilo:

- Ele diz “à misericórdia”, porque sabe que, se fôssemos julgados pela justiça, toda a nação seria condenada.

(...)

João Grilo:

Muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama, para morrer e nem um copo d’água me mandaram. Mas esse trabalho eu fiz com gosto, somente porque se trata de enganar o padre. Não vou com aquela cara. (SUASSUNA, 1990, p. 24 - 36).

Vítima de sua própria história e da miséria que assola a região, o povo sertanejo tem de conviver com o descaso daqueles que, pela lei, seriam seus protetores. O estado (justiça), os patrões (ele e a mulher) e até a igreja (padre) citada nas falas de João Grilo são, para este, os causadores do seu sofrimento. Em completo estado de abandono, o sertanejo desperta a falta de esperança nas autoridades do estado e da própria igreja, restando, nele, a fé e a astúcia. O sentimento de desprezo em João Grilo se torna ainda mais grave pelo tratamento dispensado por seus padrões.

O personagem, como o sertanejo, dotado de uma certa consciência política, angustia-se com a situação em que vive, pairando nele o inconformismo. Suassuna, nessa peça, aborda o abandono como uma questão social crônica, apesar dos tempos de modernidade e da consciência que o nordestino adquirira acerca da organização política da sociedade e de seu papel como cidadão. João Grilo, mesmo visto como “sem cultura” no seu meio social, apresenta-se bastante lúcido quanto aos seus direitos de cidadão “Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura” (SUASSUNA, 1990, p. 146-147). Ele torna-se ainda mais crítico quando diz:

Ô homem sem vergonha! Você inda pergunta? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, mas um dia hão de me pagar. E a raiva que eu tenho é porque quando estava doente, me acabando em cima de uma cama, via passar o prato de comida que ela mandava para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Para mim, nada. João Grilo que se danasse. Um dia eu me vingo. (SUASSUNA, 1990, p. 39).

A falta de escolaridade é uma característica de João Grilo, pois não tem domínio da leitura, como se percebe em Suassuna (1990, p. 92), “O que é que tem escrito aí”? Contudo,

isso não significa que se trata de total falta de cultura, nem um padrão do nordestino. Mesmo assim, não o faz acrítico, “sem - noção” ou alienado.

Outro aspecto padronizado no nordeste diz respeito à linguagem. Suassuna traz para a narrativa teatral, traços de sotaques do Nordeste. Para isso, imprime, na fala dos personagens, uma forma espontânea, resultando na revelação da musicalidade oral e no uso de palavras ou expressões simbólicas, como em Suassuna (1990, p. 138). “João Grilo: Você ainda pergunta? Desde que cheguei que comecei a sentir um cheiro ruim danado. Essa peste deve ser o diabo”. Os termos “danado”, “peste” e “diabo” fazem parte do vocabulário sertanejo, conforme o Dicionário de Termos Nordestinos de Gilberto Albuquerque⁷ e significam algo indesejado.

A musicalidade fica a cargo dos atores na interpretação das falas, porém pode-se perceber na escrita em vários trechos que apresentam uma sonoridade marcante, a exemplo da expressão de Chicó “não sei, só sei que foi assim”, que se repete durante a narrativa.

Ainda como aspecto identitário, destaca-se a religiosidade, herança católica que se mantém viva nas tradições folclóricas e festividades. Apesar do sofrimento e da desconfiança no homem, o sertanejo não perde a fé, mesmo sentindo-se açoitado, resiste e reage como faz João Grilo;

João Grilo:

- O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.

(...)

Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vêm, querem ver? (*recitando.*)

Valha-me Nossa Senhora,

Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite,

A braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada,

A braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio,

Mas hoje sou escalé.

Já fui menino, fui homem,

Só me falta ser mulher. (SUASSUNA, 1990, p. 169-170).

O jeito simples do sertanejo João Grilo pode ser associado ao próprio brasileiro desprovido das máscaras que camuflam a realidade, os sonhos, os fatos e faz do ser humano um hipócrita. João Grilo é exatamente contrário à hipocrisia social, mas utiliza-se da mentira, quando necessário em situações específicas. Ele se redime ou grita, luta, conforme sua necessidade. A fé, o jeito franco, espontâneo, astuto de João Grilo, assim como a imaginação fértil de Chicó, os fazem superar a dor da fome, da pobreza, do abandono, enfim, de todo o

⁷ Disponível em <http://www.jessierquirino.com.br/2006/dados/dicionario.pdf>. Acesso em: 10/08/2013.

seu sofrimento. E essa situação não foi escolhida ou provocada por eles, simplesmente é originada de sua própria história e da história da humanidade, que não se desfaz ou se apaga. Mas se refaz, se reconstrói, conservando as raízes. O Nordeste, conforme Albuquerque Jr. (2006, p. 66), “não é um fato inerte na natureza” ou um povo acrítico e sem sentimentos. O crítico chama a atenção para uma reflexão sobre a condição humana desse povo esquecido e o seu direito de cidadão brasileiro como sujeito ativo e participativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor um estudo sobre os aspectos identitários do sujeito nordestino, impressos nos personagens João Grilo e Chicó na peça teatral *Auto da Compadecida*, a intenção, neste artigo, foi buscar uma teoria que explique a gênese/origem da questão do estereótipo do sujeito nordestino a partir do que é proposto por esta peça. E, após interpretações sobre as teorias fundamentadoras da pesquisa, registrou-se a importância de considerar que o sujeito não pode ser definido como um ser de forma pronta, acabada.

Para Gilvan Ventura, Maria Nader e Sebastião Franco (2006, p. 12) “as identidades são construídas, não a partir do que a pessoa é, mas do que ela gostaria de ser e de como gostaria de ser vista pela comunidade com a qual se relaciona”. Dessa maneira, o sujeito procura adaptar-se ao seu meio, às vontades do outro numa troca pela realização do seu eu interior que, por sua vez, é carregado de subjetividades, de particularidades transmissíveis a outrem, quando esse assume seus múltiplos papéis na sociedade.

Nessa dinâmica de construção, entende-se que o sujeito exerce influência sobre a formação cultural de uma população, de um povo, de uma nação, assim como a nação também influencia na formação identitária desse sujeito a ela pertencente. Portanto, pudemos observar que os aspectos identitário dos personagens João Grilo e Chicó se justificam pelas evidências mostradas ao longo da discussão. Pudemos observar ainda que, a estranheza, provocada pelo povo nordestino em povos de outras regiões do país, é resultado de um discurso regionalista separativista. Esse discurso é oportunista e inconsequente, porque estigmatiza o sujeito, sua cultura, seus hábitos, sua religiosidade, sua aparência física; consagra a subserviência da classe pobre e fortalece o autoritarismo burguês, desenraizando o cidadão, lançando-o à própria sorte.

Observa-se que a imagem padronizada do sujeito, estendendo-se a sua região, nasce de um discurso que, por se tratar de uma prática social, não consegue dar conta da caracterização de um, nem de outro. E, já que a civilização e a formação de um povo resultam da interação

deste com a sociedade e que ambos são complexos e mutáveis, tal discurso é inconsistente e incoerente.

Outro aspecto a ser considerado é que a experiência de abandono, representada pelos personagens João Grilo e Chicó, já é uma consequência da estereotipia, considerando que se trata de uma estratégia colonial para justificar as ações e aspirações de quem está no poder. O nordestino é tratado não só como se fosse desenraizado do resto do Brasil, mas fadado a viver na pobreza pela situação histórico-geográfica, social e econômica da região Nordeste.

Quanto ao abandono de João Grilo e aos maus tratos dispensados por seu patrão, isso mostra a continuidade da vassalagem. Nessa situação, não são os negros que são escravizados, mas o mestiço brasileiro, agravando-se por ser sertanejo e amarelo como é chamado pelo personagem que representa o carrasco (Major Antonio Morais) e pelo que representa o cangaceiro (Severino de Aracajú). Mas, o que é necessário destacar é o fato de que esse povo nordestino é híbrido como todo o povo brasileiro. Portanto, não deve ser submetido a tal condição.

Nesse sentido, entende-se que Suassuna põe à mostra a realidade nordestina e, por conseguinte, os aspectos da identidade do sujeito tal como é tratado no discurso, utilizando-se da arte literária para incitar uma reflexão a respeito dessa problemática social. O autor se apropria dos três romances nordestinos como forma de apresentar o imaginário popular, que reflete o perfil identitário de um sujeito que pensa, sonha e sente, comprovando que, por trás desse tipo, visto por alguns sujeitos, principalmente, aqueles de classes socialmente privilegiadas, como degenerado, há um ser sociável, não antissocial, humano, não anti-humano e, sobretudo bravo, potente e não impotente, apesar de sua realidade.

Conclui-se, ainda, que, associar a falta de cultura à falta de escolaridade, já é um conceito distorcido, uma vez que a condição de analfabeto é decorrente de um problema de ordem social e não pessoal e que não pode ser culpado pelo atributo que lhe é dado. Portanto, não pode significar um padrão só para o nordestino. Mesmo assim, tal condição não o faz totalmente acrítico, sem nenhuma noção da realidade ou um sujeito completo alienado, considerando o fenômeno do modernismo e da globalização. Tampouco, o faz sem sentimentos. É válido, ainda, reservar atenção à questão da simplicidade dos personagens sertanejos João Grilo e Chicó, o que pode representar o próprio brasileiro desprovido das máscaras que camuflam a realidade, os sonhos, os fatos e faz do ser humano um hipócrita. Assim, João Grilo e Chicó apresentam-se avessos à hipocrisia e sonham com a justiça, que é sonho milenar de qualquer nação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **A invenção do nordeste**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **Preconceito de origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALBUQUERQUE, G. **Dicionário de termos nordestinos** - palavras e expressões nordestinas pesquisadas e dicionarizadas pelo paraibano de Campina Grande e radicado em Maceió. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/183286950/Dicionario-de-Termos-Nordestinos> >. Acesso em: 10 de ago. de 2013.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, M. O. **Cultura e tradição nordestina**; ensaio de história cultural e intelectual. 2. ed. João Pessoa – PB: Manufatura, 2000.
- BHABHA, K. H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- FERRÉS, J. **Televisão subliminar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HALL S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MAGALDI, S. **O panorama do teatro brasileiro**. 3. ed. Editora Global: São Paulo, 1997.
- MARQUES, M. R. A.; DAIBEM, A. M. L. **O processo de desalienação na escola**. Mimesis Bauru, v. 18, n. 1, p. 127-142, 1997.
- MATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MORONI, A.; FILHA E. O. **Estereótipos no telejornalismo brasileiro: identificação e reforço**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moroni-alyohha-oliveira-elza-estereotipos-no-telejornalismo.pdf> > Acesso em: 10 de ago. de 2013.
- PRADO, D. A. **Apresentação do teatro brasileiro moderno: crítica teatral (1947-1955)**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ROCHA, R. **Minidicionário**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

SANTOS, R. **Cultura e tradição em Gilberto Freyre**: esboço de interpretação do Manifesto regionalista. Revista Sociologia e Cultura, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 399-408, jul. dez. 2011.

SILVA, G. V; NADER, M. B; FRANCO, S. P. (Org.). **As identidades no tempo**: ensaios de gênero, etnia e religião. Vitória: EDUFES, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**; identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópoles, RJ: Vozes, 1999.

SOUZA, L. M. T. M. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JR., Benjamim (Org.): **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo e outras culturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

SUASSUNA, A. V. **Auto da Compadecida**. 25. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

TOMAZ, N. D. **Iniciação à sociologia**. 2. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Atual, 2000.